

**ASPECTOS ESTRUTURAIS E MOTIVACIONAIS DOS SINAIS
TOPONÍMICOS DOS BAIRROS DE IMPERATRIZ/MA**

**STRUCTURAL AND MOTIVATIONAL ASPECTS OF TOPONYMIC
SIGNALS OF IMPERATRIZ NEIGHBORHOODS/MA**

Zanado Pavão Sousa Mesquita¹
Secretaria Municipal de Davinópolis/MA
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Márcia Suany Dias Cavalcante²
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Maria Célia Dias de Castro³
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Alexandre Melo de Sousa⁴
Universidade Federal do Acre
Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, pelo viés fonomorfológico e motivacional, os sinais toponímicos dos bairros de Imperatriz/MA, criados pelos membros de uma comunidade surda local. Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho exploratório e descritivo, com uma abordagem qualitativa. Foi realizada uma consulta aos surdos da cidade para constatar os sinais utilizados para os seus bairros. Três surdos foram convidados a discorrer sobre os sinais toponímicos que conheciam a fim de serem registrados em fichas lexicográficas toponímicas que abarcassem as especificidades da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, foi utilizada a ficha lexicográfica de Sousa e Quadros (2019) e a adaptada de Dick (2004). Também foram consultados os seguintes autores: Biderman (1998), Costa (2015), Couto *et al.* (2016), Dick (1990, 1992), Lara (2006), Lyons (1981), abordaram o conhecimento do léxico e da toponímia; Stokoe (1960), Batisson (1974), Brito (1995), Faria-Nascimento (2009), Quadros e Karnopp (2004), Strobel (2018) e Sousa (2019; 2021; 2022) ofereceram fundamentos teóricos dos estudos

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). E-mail: zanado.mesquita@uemasul.edu.br

² Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal de Tocantins (UFT). Professora de Língua Portuguesa, em níveis de Graduação e Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). E-mail: marciasuany@uemasul.edu.br

³ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus de Balsas. Professora do Programa de Pós-Graduação (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Professora colaboradora PPGE MINTER/DINTER UNIJUÍ e UNIBALSAS. Coordenadora projeto ATEMA, Apoio FAPEMA. E-mail: maria.castro@uemasul.edu.br

⁴ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Linguística e Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais na Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor dos Programas de Pós-Graduação: Educação (PPGE/UFAC) e Linguística na Universidade do Estado do Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). E-mail: alexlinguista@gmail.com

linguísticos em Língua de Sinais, associados ao léxico, ao sinal toponímico e à cultura surda. A relevância deste estudo está em poder contribuir com a análise e com a divulgação dos sinais toponímicos, no nível macro e micro, apresentando as marcas culturais dos surdos a partir da criação de sinais no contexto regional.

Palavras-chave: Léxico; Libras; Surdos; Imperatriz; Maranhão.

Abstract: This article aims to analyze, through phonomorphological and motivational bias, the toponymic signs of the neighborhoods of Imperatriz/MA (Brazil) created by the members of a local deaf community. This is an exploratory and descriptive bibliographic study with a qualitative approach. A consultation was held with the deaf people of the city to verify the signs used for their neighborhoods. Deaf people were invited to discuss the toponymic signs they knew in order to be recorded in toponymic lexicographic records that encompassed the specificities of the Brazilian Sign Language (Libras). The lexicographic form of Sousa and Quadros (2019), and Dick (2004) were consulted. The following authors were also consulted: Biderman (1998), Costa (2015), Couto *et al.* (2016), Dick (1990, 1992), Lara (2006), Lyons (1981), who addressed the knowledge of lexicon and toponymy; Stokoe (1960), Batisson (1974), Brito (1995), Faria-Nascimento (2009), Quadros and Karnopp (2004), Strobel (2018), and Sousa (2019; 2021; 2022) offered theoretical foundations of linguistic studies in Sign Language associated with the lexicon, toponymic sign and deaf culture. The relevance of this study is to be able to contribute to the analysis and the dissemination of toponymic signs at the macro and micro levels presenting the cultural marks of the deaf from the creation of signs in the regional context.

Key-words: Lexicon; Brazilian Sign Language; Deaf People; Imperatriz; Maranhão.

Submetido em 30 de janeiro de 2022.

Aprovado em 18 de abril de 2022.

Introdução

Nomear o mundo a nossa volta faz parte de uma das principais atividades do ser humano (BIDERMAN, 1998). O léxico perpassa muitos domínios sociais, e a constituição dessa criação nos grupos sociais corrobora para que o repertório lexical seja robusto e utilizável durante os períodos sincrônicos ou diacrônicos. Pode-se destacar que o léxico faz parte da cultura em que os indivíduos estão inseridos e diz muito sobre suas percepções, vivências, experiências e história (BIDERMAN, 1998). Assim, os grupos sociais são o berço para a criação do repertório utilizado nos diferentes espaços da sociedade que a compõe.

As comunidades surdas do Brasil carregam suas subjetividades no processo de nomeação (sinalização) do mundo que os cercam. O léxico é considerado um dos artefatos culturais do povo surdo (STROBEL, 2018). A Libras (mais precisamente, sua difusão na sociedade) tem favorecido a abertura de espaços sociais para o surdo, valorização de sua

cultura e visibilidade nos diversos espaços sociais: espaços de educação, espaços religiosos, espaços esportivos etc.

Nesse contexto, este trabalho tem o objetivo de analisar, pelo viés fonomorfológico e motivacional, os sinais toponímicos dos bairros de Imperatriz/MA, criados pelos membros da sua comunidade. É um estudo qualitativo, de cunho bibliográfica exploratório e descritivo. Para o seu desenvolvimento, foi necessário consultar os surdos locais para constatar os sinais utilizados para os bairros do município. Três surdos foram convidados a discorrer sobre os sinais toponímicos que conheciam a fim de serem registrados em fichas lexicográficas toponímicas. Ressalta-se que, devido à pandemia da Covid-19 a consulta foi realizada via *Google Meet* para garantir a segurança sanitária dos informantes.

Foi utilizada a ficha lexicográfica de Sousa e Quadros (2019) e a adaptada de Dick (2004). Também foram consultados Biderman (1998), Costa (2015), Couto *et al.* (2016), Dick (1990, 1992), Lara (2006) e Lyons (1981), sobre o conhecimento do léxico e da toponímia, e Stokoe (1960), Batisson (1974), Brito (1995), Faria-Nascimento (2009), Quadros e Karnopp (2004), Strobel (2018) e Sousa (2021, *no prelo*), que ofereceram fundamentos teóricos dos estudos linguísticos em Língua de Sinais do léxico, do sinal toponímico e da cultura surda.

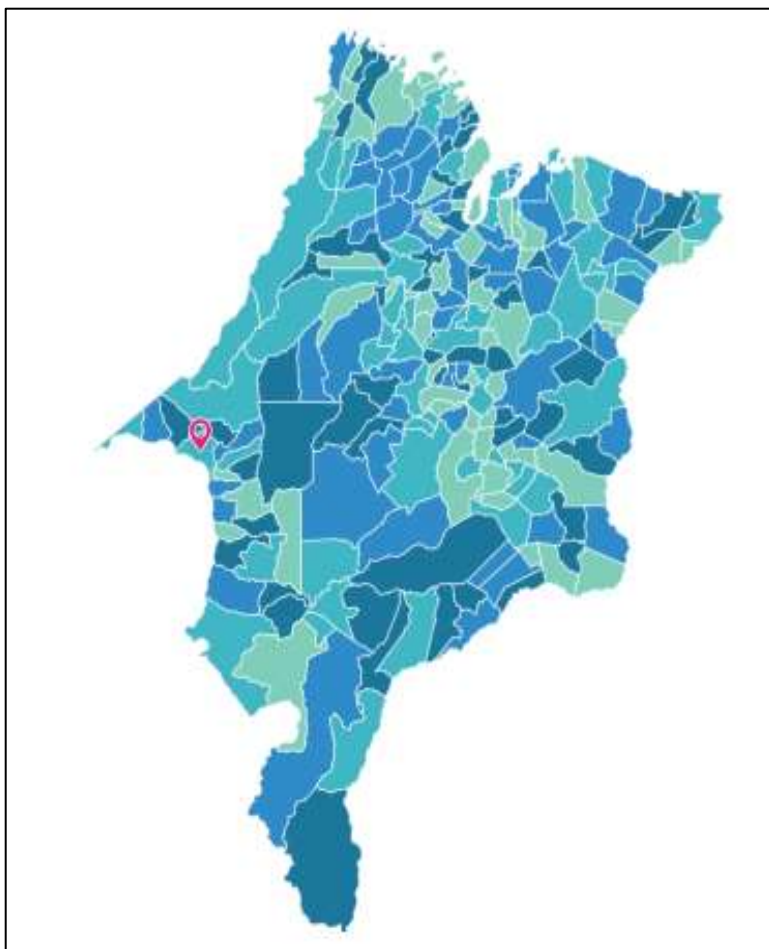
Este artigo foi dividido na explanação da formação histórica da cidade de Imperatriz, com foco na constituição dos bairros, na apresentação da ficha lexicográfica e na análise dos sinais toponímicos identificados pelo viés fonomorfológico e motivacional.

2 Imperatriz: formação histórica e geoespacial

O município de Imperatriz, no Estado do Maranhão, foi fundada em 16 de julho de 1852 com a chegada de Frei Manoel Procópio, tendo como marco a criação da Colônia Militar de Santa Tereza (SANTOS *et al.*, 2020). Inicialmente, ela foi nomeada de *Povoação de Santa Teresa do Tocantins*. Após quatro anos, passou a ser chamada de *Vila Nova de Imperatriz*, em 27 de agosto de 1826, como uma homenagem à Imperatriz Teresa Cristina. Com a Lei nº 631, de 5 de dezembro de 1862, ela passou a ser chamada de *Imperatriz*.

Localiza-se às margens do Rio Tocantins, distante 629,5 km da capital São Luís, é a segunda maior cidade do Estado, possui uma população de 247.505 habitantes, segundo O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), com a estimativa de ter, em 2021, 259.980 habitantes. Segundo o site *Cidades* do IBGE (2020), a área da unidade territorial é constituída de 1.369, 039 km, correspondendo a 0,46% do território maranhense. A cidade possui bioma amazônico/cerrado. A Figura 1 apresenta a localização de Imperatriz no Estado.

Figura 1. Localização de Imperatriz no mapa do Maranhão



Fonte: IBGE (2020)

Imperatriz faz fronteira com os municípios de Cidelândia, São Francisco do Brejão, João Lisboa, Senador La Roque, Davinópolis, Governador Edson Lobão. O município teve sua ocupação acelerada após a abertura das rodovias Belém-Brasília, que cortou o oeste do MA no território do município. A cidade também faz fronteira com duas estradas importantes: a BR 226, que faz junção de Teresina à região Tocantina; e a BR-222, que liga a região do Mearim à região do Pindaré. A rodovia Belém-Brasília

possibilitou conexões diretas com os municípios de Belém, Brasília, São Luís, Anápolis, Goiânia, São Paulo, além de todo o Centro-Oeste brasileiro e o Nordeste (IMPERATRIZ, [s./d.]).

No que diz respeito à constituição urbana e à formação de bairros, a cidade se desenvolveu a partir de 1960 tendo, nos anos 2000, a formação de bairros prioritariamente perto dos riachos afluentes do Rio Tocantins (SANTOS *et al.*, 2020).

De acordo com Santos *et al.* (2020),

Com esse último desmembramento, o município de Imperatriz passou a contar com apenas 5,1% da sua população vivendo na área rural. Sua densidade demográfica atingiu índices bem superiores à média nacional, com cerca de 168 hab./km². Com tantas pessoas vivendo na área urbana, a procura por espaço ocasionou uma supervalorização no preço das terras na cidade. Desse modo, as pessoas que não tinham condições de adquirir um lote nas áreas centrais foram habitando os bairros mais distantes, e assim a cidade foi expandindo a quantidade de bairros, que cresciam a partir de ocupações irregulares. (SANTOS *et al.*, 2020, p. 38)

Assim, podemos perceber que a população de Imperatriz vive majoritariamente na área urbana, e esse movimento possibilitou a criação de bairros de maneira irregular e por meio de invasões (SANTOS *et al.*, 2020). Com o fortalecimento do setor da construção civil e do imobiliário, a cidade passou a contar com bairros de loteamentos e condomínios que têm resultado na expansão da sua área urbana.

Os loteamentos e os condomínios se intensificaram sobretudo nas margens da Av. Pedro Neiva de Santana, que liga Imperatriz à cidade de João Lisboa. A cidade também tem se expandido com a formação de condomínios por meio da ampliação nas linhas de financiamento bancário para a aquisição da casa própria como, por exemplo, o Programa Minha Casa Minha Vida, resultando no aumento da participação da sociedade civil e do setor imobiliário no conjunto de atividades econômicas do município (SANTOS *et al.* 2020).

3 Toponímia em Libras no estudo do léxico

Para compreendermos o uso do léxico em determinadas comunidades, é necessário evidenciar o contexto e a cultura locais, entendendo que linguagem e língua

são vocábulos diferentes que merecem atenção. Além disso, a percepção de mundo dos indivíduos é influenciada por seu grupo social.

Lyons (1981) traz algumas definições de língua e linguagem. A linguagem está evidenciada na função social, ao contrário do que diz Sapir (1998 *apud* LYONS, 1981), que acredita que a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem as ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos. Para Lyons (1981), essa concepção de Sapir é deficitária, uma vez que o campo das “ideias” é impreciso.

Uma outra definição sobre a qual Lyons reflete é a de Hall (1968 *apud* LYONS, 1981), para quem a língua/linguagem é a “instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.” Conforme Hall (1968), a linguagem está relacionada com o *hábito*, sistema de comportamentos identificáveis como sendo respostas estatisticamente identificáveis. Nessa concepção, são desprezados, por exemplo, os surdos usuários de Línguas de Sinais (não orais-auditivas). Segundo Lyons (1981), a língua/linguagem é independente de estímulos.

Para Chomsky (1957 *apud* LYONS, 1981), os indivíduos possuem competência comunicativa nata a partir da interação comunicativa com seus falantes. O desempenho linguístico é desenvolvido em determinadas ocasiões e por muitos outros fatores, para além do desempenho linguístico. Na concepção de Lyons (1981), para as propriedades de flexibilidade e de versatilidade, os elementos que contribuem são: a arbitrariedade; a dualidade; a descontinuidade; e a produtividade. Assim, interessa perceber que cada indivíduo, em um certo sentido, é multilíngue, uma vez que consegue transitar entre as escolhas de estilo e idioleto em seus discursos desenvolvendo um sistema linguístico distinto.

Outra reflexão relevante é a ideia de língua e ambiente proposta por Sapir (2016), que considera o ambiente físico como não sendo o único a influenciar diretamente a língua/linguagem, pois a sociedade também é parte relevante na influência das capacidades comunicativas do sujeito, uma vez que os fatores sociais modelam a vida e o pensamento dos indivíduos. Com isso, o léxico pode ser entendido como:

[...] mais nitidamente, [algo que] reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo

inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. (SAPIR, 2016, p. 38)

Conforme Castro e Piovesan (2021), o léxico é a face da linguagem que possibilita produzir discursos com a noção de cultura, de identidade, de memória e de história, os quais envolvem a produção de signos que portam esses traços. Estudar o léxico de uma língua “é a possibilidade de resgatar aspectos linguísticos, culturais e identitários de uma comunidade.” (p. 33). Nas palavras de Bidermam (1998), é importante entender que:

[...] é preciso distinguir o processo individual de formação de conceitos por parte dos sujeitos, do acervo de conceitos transmitidos materialmente através das gerações por meio de vocabulário herdado e transmitido, sobretudo nas sociedades dotadas de uma tradição escrita. Na dimensão individual, o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, objetos mentais se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve. Essa dualidade entre o individual e o social tem que ser bem entendida para evitar ambiguidades. (BIDERMAM, 1998, p. 90)

Assim, na concepção dos autores citados, o léxico faz parte das relações sociais e tem um cunho individual e social, sendo um conjunto de vocábulos que estão à disposição dos sujeitos que participam do grupo social para servir à comunicação. Nesse sentido, a cultura está inserida, e é a partir dela que se constrói as concepções de mundo categorizadas e nomeadas pelo léxico disponível, pois o interesse social é o que determina o léxico, como assinala Lara (2006).

Partindo da premissa de que a cultura influencia diretamente no “ganho” ou na “perda” da estrutura gramatical vernacular da língua, é importante entender alguns aspectos do conceito de cultura. Conforme Costa e Seabra (2015), esse conceito passou por modificações diacronicamente, indo do sentido de “pessoa refinada”, “pessoa culta” ao sentido de “totalidade de características de um grupo social” em uma visão etnográfica do termo. Em uma perspectiva social do homem, intermediado pela língua, o léxico é afetado, uma vez que:

Há, portanto uma dependência bilateral entre língua e sociedade, pois se a sociedade precisa de uma língua que viabiliza a comunicação dos povos, uma língua, por sua vez, para existir, necessita de uma comunidade que a utilize. A língua, por se constituir entre os membros de uma sociedade, retrata o pensamento de determinada época, fornecendo elementos para a leitura da sociedade. (COSTA; SEABRA, 2015, p. 40-41)

Para Costa e Seabra (2015), a sociedade e a cultura são indissociáveis, pois é por meio da sociedade que a língua dissipa-se e cria conceitos, ideias, categoriza e sociabiliza o que se tem em comum como interesse dos indivíduos que participam do grupo social em que se está inserido. Na perspectiva de língua como transmissão de cultura, Fiorin (2001) assinala que o léxico de uma língua se forma na história de um povo.

De acordo Lara (2006), o léxico abarca as áreas de lexicografia, lexicologia e a terminologia. A lexicografia, por sua vez, abarca os estudos da onomástica que se dividem em várias subáreas, porém com duas mais estudadas: antroponímia (estudo dos nomes próprios) e toponímia (estudo dos nomes dos lugares). Ainda, segundo Lara (2006):

La toponímia, o estudio de los nombres dos lugares, que forma parte de la onomástica, tiene una importância central para la geografía, para la arqueología, para la historia de las lenguas, pues em muchos casos los ríos, las montañas o los pueblos conservan nombres que corresponden a épocas históricas muy antiguas, que sirvan como indícios de la existência de diferentes sociedades y de diferentes lenguas. (LARA, 2006, p. 244)⁵

Assim, podemos perceber a relevância da toponímia para o estudo do léxico, uma vez que oferece conhecimentos importantes para diversas áreas. Com a toponímia, podemos também compreender os costumes de um povo para uma determinada época, as evoluções sociais no tempo e, principalmente, no espaço. Situando a toponímia em línguas de sinais, podemos destacar algumas especificidades desse estudo para a Libras. Os surdos do Brasil são usuários de uma língua rica e diversificada e que apresenta nuances linguísticas por ser uma língua visual e espacial em sua formação sintática, morfológica, fonológica, entre outras.

Com isso, podemos destacar que a Libras é um artefato cultural basilar para a existência da identidade surda e dos registros linguísticos do modo de pensar e de agir de seus usuários (STROBEL, 2018). Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 51), as unidades mínimas para a formação dos sinais são os seus parâmetros e que estão divididos em: primários (Configuração de Mão, Ponto de Articulação e Movimento); e secundários (Orientação da Mão e os Aspectos Não Manuais).

⁵ “A toponímia, o estudo dos nomes dos lugares, que forma a parte da onomástica, tem uma importância central para a geografia, para a arqueologia, para a história das línguas, pois em muitos casos os rios, as montanhas ou os povos conservam nomes que correspondem a épocas históricas muito antigas, que servem de indícios da existência de diferentes sociedades e de diferentes línguas.” (LARA, 2006, p. 244 - tradução nossa).



Os parâmetros Configuração de Mão, Ponto de Articulação e Movimento foram propostos por Stokoe (1960) considerando que a Configuração de Mão (CM) é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal; o Ponto de Articulação ou Locação da Mão (L) é o local onde o sinal é feito, podendo ser no corpo (cabeça, mão/braço, tronco) ou próximo a ele, ou no chamado espaço neutro, área localizada à frente do corpo; o Movimento (M) ocorre caso o sinal tenha movimento ou não, servindo como traço distintivo entre itens lexicais (nomes e verbos) e relacionando-se à direcionalidade do verbo.

No estudo inicial de Stokoe (1960), a Orientação da Mão (O) e as Expressões Não Manuais no trabalho (ENM) não foram considerados como parâmetros para a língua de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Porém, Battison (1974) e, posteriormente, outros pesquisadores, foram favoráveis à inclusão desses parâmetros como formadores da fonologia das línguas de sinais.

Para Battison (1974), a Orientação da Mão (O) ocorre quando a palma da mão, no momento da realização do sinal, percorre uma determinada direção. Para Brito (1995), existem seis tipos de Orientação da Mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita e para a esquerda. As expressões Não Manuais dos sinais (ENM) são os movimentos da face, dos olhos, do tronco ou da cabeça e marcam a construção sintática além de diferenciar itens lexicais.

Essas e outras especificidades são relevantes para considerarmos o estudo da toponímia em Libras no estudo do léxico. A partir desses elementos basilares, os sinais toponímicos são formados. Eles fazem parte da fonomorfologia das línguas de sinais e são registrados como morfemas basilares para a constituição do sinal toponímico, como podemos ver no Quadro 1, a seguir, em relação ao termo do topônimo do bairro VILA LOBÃO:

Quadro 1. Estrutura fonológica no termo do topônimo Bairro VILA LOBÃO

TERMO ESPECÍFICO	CM	PA	O/D	M	ENM
VILA LOBÃO		Espaço neutro	Sem O/D		Sem ENM

Fonte: Os autores

Outro fenômeno recorrente no estudo do léxico e da terminologia é o proposto por Faria-Nascimento (2009), a partir dos conceitos de *transliteração*, que são as unidades lexicais da Língua de Sinais constituídos a partir dos empréstimos das Línguas Oraís. A transliteração pode ser: pragmática, quando o termo em Língua de Sinais é realizado a partir de um empréstimo linguístico da palavra na Língua Oral; lexicalizada, quando o sinal é semidatilológico, usa-se a palavra em língua oral mais algum movimento ou morfema para se formar o sinal; e a transliteração da letra inicial, quando é utilizado a letra inicial da Língua Oral.

3.1 Ficha lexicográfica-toponímica

No Brasil, o estudo da toponímia tornou-se mais desenvolvido a partir de Dick (1990; 1992), que trouxe aspectos para a análise dos topônimos pelo viés morfológico, semântico e motivacional. A palavra *toponímia* “(do grego *topos*, ‘lugar’ e *onoma*, ‘nome’) [se refere ao] estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.).” (DICK, 1990).

Dick (1990) define três categorias morfológicas para os signos toponímicos: topônimo simples, definido por apenas um formante, adjetivo ou substantivo, podendo estar acompanhado de sufixos aumentativos ou diminutivos; topônimo composto, que apresenta mais de um elemento formador, de origem de conteúdo diversa e, às vezes, constituem formações inusitadas; e topônimo híbrido, que possui elementos linguísticos de variadas procedências.

Em relação à motivação, Dick (1990) propõe duas grandes categorias: uma de natureza física (astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, etc.) e outra de

natureza antropocultural (antropotopônimos, corotopônimos, ecotopônimo, entre outros). Portanto, escolhemos a seguinte ficha-toponímica que pudesse abarcar as características visuais-espaciais da toponímia em Libras proposta por Sousa e Quadros (2019), e adaptada de Dick (2004), como podemos ver no Quadro 2:

Figura 2. Ficha toponímica em Libras

Bairro CENTRO de Imperatriz/MA ²					
Localização	https://www.google.com.br/maps/search/Imperatriz+CENTRO/@-5.5192797,-47.5479663,24965m/data=!3m1!1e3				
Acidente geográfico	Acidente Físico				
Topônimo em Libras	https://www.youtube.com/watch?v=jZ2sOqDFTB4				
Classificação taxonômica	Dimensiotopônimo				
Descrição da sinalização					
Estrutura fonológica	CM	PA	M	O/D	ENM
		À frente do corpo	Sem M	Sem O/D	Sem ENM
Estrutura morfológica	Formação simples				
Contexto motivacional (Referência)	Motivado pela dimensão territorial do centro da cidade				
Informações históricas-geográficas	Em produção				

Fonte: Ficha adaptada de Sousa e Quadros (2019)

Nessa ficha lexicográfica-toponímica, observamos a presença dos seguintes parâmetros: **localização**, apresentação do espaço em estudo no *Google Maps*; **tipo de acidente geográfico**: físico ou humano; **topônimo em Libras**: sinal topônimo utilizado pelo surdo para apresentar o espaço apresentado em vídeo; **classificação taxionômica** proposta por Dick; **descrição da sinalização**: estrutura do sinal toponímico em imagem; **topônimo em escrita de sinais**,⁶ com a utilização de algum sistema de escrita de sinais; **estrutura fonológica do sinal toponímico**: apresentação da descrição fonológica do sinal em seus parâmetros formadores; **estrutura morfológica do sinal toponímico**, com

⁶ Para este estudo, a descrição do topônimo em escrita de sinais não foi utilizado.

a apresentação morfológica do sinal toponímico, considerando sua estrutura de formação que pode ser simples, simples híbrida, composta e composta híbrida; **contexto motivacional** ou **referência**: vídeo gravado pelo pesquisador a partir das informações levantadas com a contribuição de informantes surdos; **informações históricas e geográficas** do espaço pesquisado, vídeo em Libras sobre as informações históricas e geográficas do espaço pesquisado; **fonte**: vídeos, obras, mapas, sites ou outras fontes utilizadas para a coleta dos dados e preenchimento das fichas; **pesquisadores**: surdos e ouvintes que participaram da construção dos dados, do preenchimento e da revisão das informações presentes nas fichas.

4 Sinais toponímicos em Imperatriz

A análise toponímica dos sinais em Libras segue a proposta de Sousa (2019), que adapta as orientações de Dick (1990)⁷ para os estudos em Libras. Para o levantamento e construção dos dados do *corpus* de sinais toponímicos de Imperatriz, três surdos foram convidados para serem informantes, sendo dois instrutores de Libras com formação em Pedagogia com Especialização para o ensino de Libras, e um surdo que estuda na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e que trabalha em uma empresa da cidade.

É importante destacar que os informantes possuem influência na comunidade surda de Imperatriz, pelas suas contribuições na educação de surdos, no caso dos dois primeiros informantes, e pela experiência e vivência de muitos anos na comunidade surda, no caso do terceiro informante. A partir dessas experiências de utilização de sinais toponímicos na cidade, foi construído o Quadro 3, que nos mostra os sinais toponímicos dos nomes dos bairros e seus *links* de vídeo:

Quadro 3. Sinais toponímicos e *link* dos vídeos

NOME DO BAIRRO	LINK DO VÍDEO	NOME DO BAIRRO	LINK DO VÍDEO
VÍDEO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	https://www.youtube.com/watch?v=bIYct_V4QMg	PARQUE ALVORADA II	https://www.youtube.com/watch?v=54NDwTLGyAk
ASA NORTE	https://www.youtube.com/watch?v=M714x-MZI34	PARQUE AMAZONAS	https://www.youtube.com/watch?v=bfIsICeCX0

⁷ Os estudos de Dick (1990) levavam em consideração as línguas orais: língua portuguesa e línguas indígenas do Brasil.

ALTO DA BOA VISTA	https://www.youtube.com/watch?v=tnhBCpUqdsI	PARQUE DO BURITI	https://www.youtube.com/watch?v=Lq9p5CVCMYQ
BACURI	https://www.youtube.com/watch?v=pL0A4n5PX0M	PARQUE DAS ESTRELAS	https://www.youtube.com/watch?v=CQwk-XMTyK8
BEIRA RIO	https://www.youtube.com/watch?v=GWXfKK33Zbo	PARQUE DE EXPOSIÇÕES	https://www.youtube.com/watch?v=KUajwrp3q9E
BOCA DA MATA	https://www.youtube.com/watch?v=r4T1j4ZPIs4	RECANTO UNIVERSITÁRIO	https://www.youtube.com/watch?v=oAy3H-V9sNU
BOM JESUS	https://www.youtube.com/watch?v=pDNeb2al8F8	RESERVA DO 50º B.I.S.	https://www.youtube.com/watch?v=IJfR0RCvobK
CENTRO	https://www.youtube.com/watch?v=jZ2sOqDFTB4	RESIDENCIAL J.K.	https://www.youtube.com/watch?v=KlbfjmIOLl4
CENTRO NOVO	https://www.youtube.com/watch?v=Cn-2sTUzaPI	SANTA CLARA	https://www.youtube.com/watch?v=iWZTv7LJO8w
CIDADE JARDIM	https://www.youtube.com/watch?v=66GvnuDLZUA	SANTA INÊS	https://www.youtube.com/watch?v=1FOB3V-YtI4
CIDELÂNDIA	https://www.youtube.com/watch?v=2s7w0nVV7oA	SÃO JOSÉ	https://www.youtube.com/watch?v=g1MegvC_Lak
CONJUNTO VITÓRIA	https://www.youtube.com/watch?v=pB-GENWuD2U	SÃO JOSÉ DO EGITO	https://www.youtube.com/watch?v=XA_ot7x_sX4
COCO GRANDE	https://www.youtube.com/watch?v=ueJ-b1Hxqi4	SANTA RITA	https://www.youtube.com/watch?v=xyFgxSNoGKg
COLINAS PARQUES	https://www.youtube.com/watch?v=MqMRwDzkO3w	SEBASTIÃO REGES	https://www.youtube.com/watch?v=34BaPUMiZ8M
CUMARÚ	https://www.youtube.com/watch?v=ObE-pNA7FKs	SETOR RODOVIÁRIO	https://www.youtube.com/watch?v=CmDKks-618U
ENTRONCAMENTO	https://www.youtube.com/watch?v=biORp_Lq4Ie	TEOTÔNIO VILELA	https://www.youtube.com/watch?v=vFegtYAZM3w
ITAMAR GUARÁ	https://www.youtube.com/watch?v=-NAzbbCmljY	TRÊS PODERES	https://www.youtube.com/watch?v=UrsiACsYUmA
JARDIM CINCO ESTRELAS	https://www.youtube.com/watch?v=iBu_I8NB16k	UNIÃO	https://www.youtube.com/watch?v=CgsJ5vfv7Y8
JARDIM CINCO IRMÃOS	https://www.youtube.com/watch?v=j-wTIsYhgrA	VILA CAFETEIRA	https://www.youtube.com/watch?v=Va4KzsPE2no
JARDIM ORIENTAL	https://www.youtube.com/watch?v=jkBy2Xi4jvQ	VILA CHICO DO RÁDIO	https://www.youtube.com/watch?v=0NC-1q6PtXI

JARDIM SÃO LUÍS	https://www.youtube.com/watch?v=C4vf8auINDA	VILA CONCEIÇÃO	https://www.youtube.com/watch?v=_OPXANyadMc
JOÃO PAULO II	https://www.youtube.com/watch?v=R9VFTL0z3Ys	VILA FIQUENE	https://www.youtube.com/watch?v=xBwAu_haZ-w
JARDIM TROPICAL	https://www.youtube.com/watch?v=sjdw_kyx3hU	VILA JOÃO CASTELO	https://www.youtube.com/watch?v=LNqoVap3cCU
JUÇARA	https://www.youtube.com/watch?v=sjdw_kyx3hU	VILA LOBÃO	https://www.youtube.com/watch?v=ZiDerv6iORM
LAGOA VERDE	https://www.youtube.com/watch?v=ZZmVEoINNoQ	VILA MARIA	https://www.youtube.com/watch?v=rjuoDerveV8
MARANHÃO NOVO	https://www.youtube.com/watch?v=RUCyKnYVLHg	VILA MACHADO	https://www.youtube.com/watch?v=roUhfF4ixwQ
MERCADINHO	https://www.youtube.com/watch?v=80WOFsGcLko	VILA NOVA	https://www.youtube.com/watch?v=XxulBdyu2YE
MORADA DO SOL	https://www.youtube.com/watch?v=2q5JkozzKcs	VILA REDENÇÃO	https://www.youtube.com/watch?v=Jzy2iH38m_o
NOVA IMPERATRIZ	https://www.youtube.com/watch?v=Ci0D0QzwfQ	VILA VITÓRIA	https://www.youtube.com/watch?v=a0OptqaoAHI
OURO VERDE	https://www.youtube.com/watch?v=LfXh_-xSJUl	VILA ZENIRA	https://www.youtube.com/watch?v=e6dmy7bi3d4
PARQUE ALVORADA I	https://www.youtube.com/watch?v=w6zkfw3YyZA	VILINHA	https://www.youtube.com/watch?v=Jn6FotH6z_I

Fonte: Arquivo da Pesquisa.

Conforme Santos (2017), há mais de 100 bairros em Imperatriz. Desses, foi possível identificar sinais toponímicos em 61 bairros. É importante destacar que o processo de “batismo” (criação de um sinal) ocorre a partir do que aquele lugar representa para os surdos que os sinalizam. Durante a identificação dos bairros que possuem sinais, percebemos que, em sua maioria, são lugares frequentados pelos surdos e que possuem algum elemento (ou muitos) que fazem sentido para eles, como um espaço de lazer, o bairro em que moram ou o bairro em que os surdos ainda vão morar, como no caso dos loteamentos e/ou residenciais sorteados pelo governo no Programa Minha Casa Minha Vida.

A partir desse levantamento, as análises estruturais (morfológicas e fonológicas) e motivacionais ocorrem como segue. Nelas, é possível identificar a fonologia dos sinais

em imagens e *links* dos vídeos (SOUSA, 2019) e a divisão motivacional, segundo a proposta de Dick (1990).

4.1 Aspectos estruturais dos topônimos em Libras

A análise morfológica segue a proposta de Sousa (2019), que aponta quatro tipos de formações estruturais para os topônimos:⁸

- a) simples, quando possui um único formante na língua nativa;
- b) simples híbrida, que possui um único formante com incorporação de uma configuração relacionada à língua oral;
- c) composto, quando possui mais de um formante e todos são de língua nativa; e
- d) composto híbrido, quando possui mais de um formante, e um deles constitui empréstimo da língua oral. Essa classificação é exemplificada no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4. Estrutura de formação do termo específico do sinal toponímico

TERMO ESPECÍFICO	FORMAÇÃO	DESCRIÇÃO
VILA CAFETEIRA ⁹	Simple	Dedos médio, anelar e mínimo estendido para cima, palma para o lado, com os dedos polegar e indicador unidos tocando o canto da boca para frente e para trás
BACURI	Simple Híbrida	Sinal que apresenta, em sua formação, a configuração em “B” (Letra inicial do topônimo em língua oral) com movimento para cima e para baixo
BOM JESUS	Composta	Estruturado por dois sinais, ambos na língua nativa (Libras): Sinal de <i>BO@</i> + o sinal de <i>JESUS</i>
VILA NOVA	Composta Híbrida	Estruturado por dois sinais: um com a configuração da mão em “V” tocando duas vezes no dorso da outra mão (letra inicial do topônimo em língua oral), seguido de outro sinal em língua nativa (sinal de <i>NOV@</i>)

Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Conforme o Quadro 4, observamos a classificação em que o sinal toponímico do toponímico *Vila Cafeteira* é um sinal com formação simples, pois é formado com apenas

⁸ Sousa (2021) distribui a classificação estrutural levando em consideração as especificidades morfológicas das línguas de sinais. Dick (1990) aponta a classificação estrutural considerando a formação morfológica em língua portuguesa: simples, composto e híbrido.

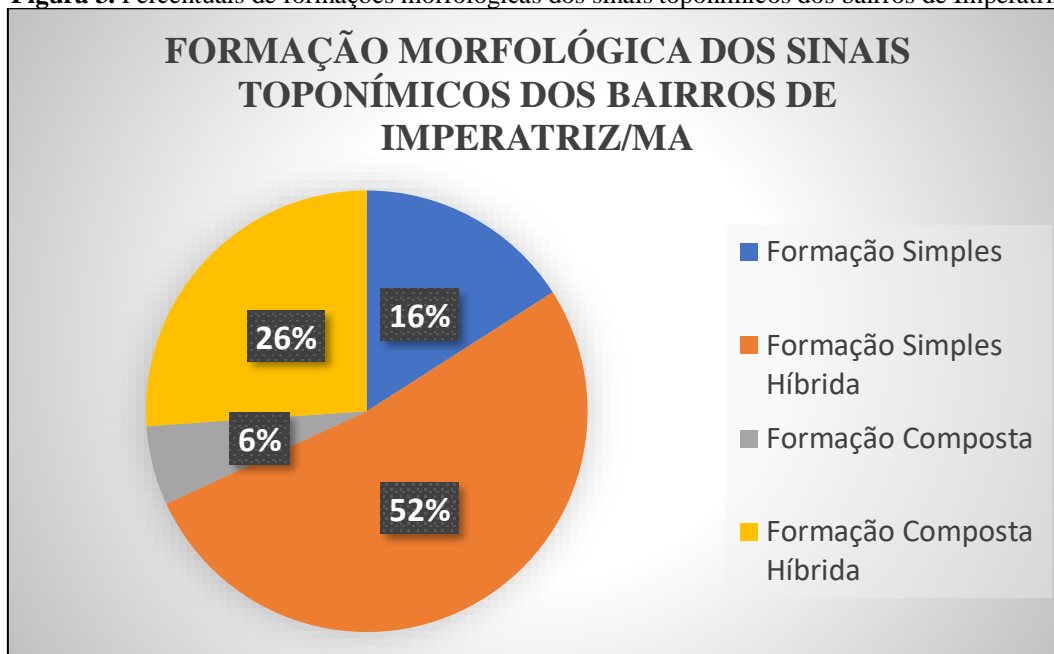
⁹ Os exemplos apresentados neste quadro podem ser visualizados por meio dos links indicados no quadro 3.

um sinal na língua nativa (sinal de “CAFÉ”). O sinal toponímico para o bairro *Bacuri* é um simples composto, pois possui um sinal utilizando a inicial da língua oral (o português).

O sinal do bairro *Bom Jesus* é um sinal com formação composta, haja vista possuir dois sinais em língua nativa, e o sinal toponímico *Vila Nova* é um sinal classificado em composto híbrido por apresentar um sinal em língua oral (letra “V” tocando duas vezes no dorso da mão de apoio) e o sinal de “NOV@” em língua nativa (Libras).

Assim, pôde-se constatar que dos 61 sinais toponímicos analisados, 11 deles foram categorizados como de formação simples, 36 com formação simples híbrida, apenas um sinal com formação composta (bairro *Bom Jesus*) e, com formação composta híbrida, foram identificados 18 sinais toponímicos. Vale destacar que alguns dos sinais identificados possuem variações, como, por exemplo, os sinais para os seguintes bairros: *Bom Jesus* (2), *Centro* (3), e *Vila Machado* (2). As divisões dos tipos de formação morfológica dos bairros de Imperatriz, em números percentuais, constam na Figura 3, a seguir:

Figura 3. Percentuais de formações morfológicas dos sinais toponímicos dos bairros de Imperatriz



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Este fato de a maioria dos sinais possuir formação simples demonstra a influência que a Língua Portuguesa (LP) tem sob a Libras. Os surdos se apropriam dos empréstimos

linguísticos como instrumento de sinalizar o mundo em sua volta, mas sem deixar de lado os elementos da iconicidade, como o ocorrido pelos sinais simples. No processo da formação e estrutura morfológica dos sinais, importa destacar a existência dos sinais por transliteração pragmática, lexicalizada e os de transliteração da letra inicial, conforme proposta por Faria-Nascimento (2009). Nesta pesquisa, não foram identificados sinais por transliteração pragmática.

Dos sinais que utilizam as letras na língua oral, foram identificados 24 sinais toponímicos por transliteração lexicalizada e 22 por transliteração da letra inicial. São exemplos de sinais toponímicos por transliteração lexicalizada os seguintes (Quadro 6):

Quadro 6. Empréstimo por transliteração lexicalizada

TOPÔNIMO	LETRAS REPRESENTADAS NAS CM	TOPÔNIMO EM LO
https://www.youtube.com/watch?v=sjdw_kyx3hU	“A” e “P”	Jardim Tropical
https://www.youtube.com/watch?v=xyFgxSNoGKg	“S” e “R”	Santa Rita
https://www.youtube.com/watch?v=xBwAu_haZ-w	“V” e “F”	Vila Fiquene
https://www.youtube.com/watch?v=Jzy2iH38m_o	“V” e “R”	Vila Redenção

Fonte: Arquivo da Pesquisa

Seguem exemplos de sinais toponímicos identificados pelo processo de transliteração inicial (Quadro 7):

Quadro 7. Empréstimos por transliteração inicial

TOPÔNIMO	LETRAS REPRESENTADAS NAS CM	DESCRIÇÃO
https://www.youtube.com/watch?v=RUCyKnYVLHg	“M”	Mão direita em “M” para cima, fazendo um semicírculo na testa
https://www.youtube.com/watch?v=80WOFsGcLKo	“M”	Mão em “M” fazendo um círculo na mão esquerda aberta, palma para cima

https://www.youtube.com/watch?v=a0OptqaoAHI	“V”	Mão direita em “V” tocando duas vezes no antebraço da mão esquerda
https://www.youtube.com/watch?v=Jn6FotH6z_I	“V”	Mão direita em V, palma para o lado, tocando o queixo, para baixo

Fonte: Arquivo da Pesquisa.

Ao todo, foram 46 sinais toponímicos que foram identificados como sinais feitos pelos processos de transliteração. Podemos perceber que este processo corroborou na formação de sinais simples híbridos e compostos híbridos. Vale lembrar que os surdos estão em constante contato com pessoas ouvintes, e que a LP é a língua de uso majoritário no Brasil. Esse contato linguístico influencia no processo de nomeação das coisas, dos objetos e do mundo.

4.1 Aspectos motivacionais dos topônimos em Libras

No que diz respeito às análises motivacionais, foram utilizados os critérios da classificação taxionômica dos topônimos propostas por Dick (1990), sobretudo no que diz respeito à formação morfológica dos topônimos, os quais foram divididos em duas grandes categorias: taxonomias de natureza física e taxonomias (11 tipos) e de natureza antropoculturais (16 tipos). Sousa (2022) apresenta todas as taxonomias propostas por Dick (1990) e de outros colaboradores exemplificadas em Libras.

Nas investigações de Sousa (2021), sobre os topônimos dos bairros de Rio Branco, no Acre, foram encontrados dois tipos de motivações para os topônimos. A primeira, com a formação morfológica sendo constituída, exclusivamente, em língua nativa. Na segunda motivação, o autor percebeu a influência da língua oral pelos processos de transliteração lexicalizada ou por transliteração da letra inicial.

De acordo Sousa (2021, p. 17), “Faz-se necessário considerar se o sinal toponímico faz referência motivacional somente às CMs correlacionadas às letras dos topônimos em língua oral ou se a CM combina com outra referência motivacional semântica.” Essas duas grandes categorias foram exemplificadas abaixo, no Quadro 8.

Quadro 8. Classificação das taxonomias toponímicas (exemplos ilustrativos)

TAXONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA		
Morada do Sol	Astrotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=2q5JkcozzKcs

Alto da Boa Vista	Dimensiotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=tnhBCpUqdsI
Itamaruará	Fitotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=-NAzbbCmljY
Sebastião Reges	Geomorfotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=34BaPUMiZ8M
TAXONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAIS		
Centro Novo	Acrônimotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=Cn-2sTUzaPI
Parque Amazonas	Corotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=_bfIsICeCX0
Vila Machado	Ergotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=roUhfF4ixwQ
Três Poderes	Numerotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=UrsiACsYUmA
Reserva do 50º B.I.S.	Sociotopônimo	https://www.youtube.com/watch?v=IJfR0RCvoBk

Fonte: Arquivo da pesquisa

Ainda, segundo Sousa (2021), o sinal toponímico pode se apresentar nas seguintes formas: com a datilologia total do nome em língua oral (transliteração), com base na taxonomia proposta por Souza Júnior (2012), sendo o topônimo denominado de *grafotopônimo*; com o sinal que se relaciona apenas com uma CM, correspondendo à letra inicial da língua oral ou com duas CMs, também com referência às letras do termo específico do topônimo em língua oral denominado de *acronimotopônimo*; e com os topônimos que podem ser classificados segundo a taxonomia proposta por Dick (1990; 1992), que considerou a motivação semântica e a representação icônica do topônimo.

Dos sinais toponímicos analisados, podemos perceber que, na classificação motivacional, alguns inserem-se em mais de uma taxonomia, como no caso dos sinais toponímicos para os seguintes bairros: *Alto da Boa Vista* (dimensiotopônimo e animotopônimo); *Beira Rio* (acronimotopônimo e hidrotopônimo); *Itamaruará* (fitotopônimo e ergotopônimo); *João Paulo II* (acronimotopônimo e numerotopônimo); *Colinas Parque* (acronimotopônimo e geomorfotopônimo); *Jardim Cinco Irmãos* (acronimotopônimo e hidrotopônimo); *Parque Alvorada I* e *Parque Alvorada II* (acronimotopônimo e numerotopônimo); *Parque Amazonas* (acronimotopônimo e corotopônimo); e *Parque das Estrelas* (acronimotopônimo e astrotopônimo).

Dos 61 termos específicos analisados, dois topônimos foram considerados sem classificação, sendo eles: *Jardim Oriental* e *João Castelo*. Os demais topônimos possuem apenas uma classificação motivacional. Dos sinais topônimos de natureza física, constatamos que: dois foram de elementos vegetais: *Vila Cafeteira* e *Itamaruará*

(fitotopônimos); dois foram considerados pelas suas características dimensionais (altura do bairro e dimensão): *Alto Bonito da Boa Vista* e a primeira variação para o bairro *Centro* (dimensiotopônimos); três sinais tiveram referência a corpos celestes: *Jardim Cinco Estrelas*, *Morada do Sol* e *Parque das Estrelas* (astrotopônimos); dois sinais foram motivados pela estrutura geográfica dos bairros: *Colinas Parque* e a primeira variação para o bairro *Sebastião Reges* (geomorfotopônimos); e um sinal teve motivação em uma montanha russa que existe no bairro: *Parque de Exposições* (morfotopônimo).

Quanto à classificação antropocultural, 46 sinais toponímicos foram identificados com as letras iniciais dos nomes dos bairros em língua oral e formados por abreviações: *Bacuri*, *Conjunto Vitória*, *Jardim São Luís*, *Juçara*, *Maranhão Novo*, *Mercadinho*, *Ouro Verde*, *Parque do Buriti*, *Recanto Universitário*, *Santa Clara*, *Santa Inês*, *São José*, *Vila Vitória*, *Vila Zenira*, entre outros (acronimotopônimos); dois sinais foram motivados pelo sinal de estados brasileiros: *Parque Amazonas* e *São José do Egito* (corotopônimos); dois sinais foram motivados a partir de elementos da cultura material: *Itamargará* e a segunda variação de *Vila Machado* (ergotopônimos); e seis sinais foram motivados por elementos sociais que existem no bairro, como duas das três variações de sinais para *Centro* fazendo referência à quantidade de pessoas que transitam nessa localidade, e as duas variações para o bairro *Entroncamento*, sendo que a primeira faz referência à presença de um lava carros local, e a segunda faz referência a um viaduto, o sinal da *Reserva do 50° B.I.S.* faz referência à roupa e ao movimento de continência feito pelos profissionais militares que moram e trabalham nessa localidade, e o bairro *União* faz referência ao centro de reunião e lazer instituído pela praça local, sendo que todos os seis sinais foram categorizados como sociotopônimos.

Considerações finais

O ato de nomear as coisas e o mundo que nos cerca faz parte do costume humano, e o léxico de que dispomos somente faz sentido na perspectiva de uso social. Este trabalho teve como objetivo analisar, pelo viés fonomorfológico e motivacional, os sinais toponímicos criados pelos surdos para os bairros de Imperatriz/MA.

Foram identificados 61 sinais para os bairros de Imperatriz, sendo que essa quantidade representa mais do que a metade dos bairros da cidade. Nesses 61 bairros,

percebemos a presença de variações linguísticas de alguns bairros, fazendo com que se somassem mais cinco sinais de variações dos já existentes.

Na análise fonomorfológica, verificou-se que a maioria dos bairros são de formação simples híbrida (aproximadamente 52%), e que os processos de transliteração lexicalizada e transliteração pela letra inicial do termo do topônimo são os responsáveis pela maior parte da constituição dos sinais, já que, de 66 sinais topônimos, 46 apresentam esse processo em sua constituição fonomorfológica.

Quanto aos aspectos motivacionais, percebemos que 46 sinais foram considerados acronimotopônimos, por serem realizados pelas letras iniciais dos termos em língua oral, ou por duas letras com outros afixos, criando unidades lexicais nos sinais toponímicos identificados. Os demais sinais foram classificados seguindo as categorias sugeridas por Dick (1990), ressaltando que dois sinais toponímicos não foram classificados por não serem identificados em nenhuma das classificações da autora.

Finalmente, reitera-se a necessidade de pesquisas toponímicas em Libras para identificar, pelo viés cultural, linguístico e motivacional, os detalhes do processo de nomeação/sinalização do mundo percebido pelos surdos. Este estudo traz contribuições para a compreensão dos topônimos em Libras a partir de uma esfera micro dos sinais, além de corroborar com a difusão e com o fortalecimento da Língua Brasileira de Sinais e da cultura e identidade surdas presentes no ato de nomeação do mundo.

Referências

BATTISON, R. *Phonological deletion in American Sign Language*. *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1-19, 1974.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 1, n. 2, 1998, p. 81-118. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 22 maio 2021

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

CASTRO, M. C. D. de; PIOVESAN, M. H. F. Representação identitária, de memória e de retomada da história: topônimos de logradouros públicos da cidade de Balsas-MA. **Onomástica Desde América Latina**, Marechal Rondon, v. 2, n. 4, p. 32 -53, jul./dez. 2021.

COSTA, R. P.; SEABRA, M. C. T. C. de. **As palavras sobre um viés cultural: o léxico dos pescadores da Raposa-MA**. São Luís: EdUema, 2015.

- DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. São Paulo: FFLCH/USP, 1990. (Coletânea de Estudos).
- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.
- DICK, M. V. P. A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. *In*: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 121-130. (Vol. II).
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2009.
- FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei, defesa e proteção, promoção e uso do idioma, apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 25, p. 107-119, 2001.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>. Acesso em: 23 maio 2021.
- IMPERATRIZ. **Prefeitura Municipal de Imperatriz**. Disponível em: <http://www.Imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>. Acesso em: 23 maio 2021.
- LARA, L. F. **Curso de lexicologia**. México: El Colégio de México, 2006.
- LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1981.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANTOS, E. *et al.* **Imperatriz cidade da gente**: história e geografia: estudos regionais: Ensino Fundamental II: anos finais. Fortaleza: Didáticos Editora, 2020.
- SANTOS, R. L. **Dinâmica e qualidade ambiental urbana da paisagem do município de Imperatriz**. 2017. 192 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia), Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2017.
- SAPIR, E. Língua e ambiente. *In*: COUTO, H. H. do *et al.* (Org.). **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.
- SOUSA, A. M. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. *In*: ISQUERDO, A. N. (Org.). **Toponímia Urbana**: Estudos. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021. (No prelo).
- SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.
- SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: Relatório de Pós-Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2019.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Guavira Letras**, Campo Grande v. 15, p. 126-140, 2019.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2012.

STOKOE, W. *Sign Language structure: an outline of the communication systems of the American deaf*. In: **Studies in Linguistics: occasional papers**. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, 1960. (Vol. 8).

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.